



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 8, Nº 3, 2023, P. 106-123
ISSN: 2448-2390

Capitalismo, pandemia e a ética do cuidado

Capitalism, Pandemic and the Ethics of Care

DOI: 10.20873/rpv8n3-90

Edson Sá dos Reis

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3519-4218>

E-mail: edson.reis@prof.ce.gov.br

Resumo

A pandemia ainda está presente no cotidiano. Isto faz com que a reflexão sobre ela seja essencial para problematizar nosso modo de vida e nossos direcionamentos éticos. Este escrito pretende pensar o modo de organização capitalista como gerador de pandemias. Como sistema que age a partir do *modus operandi* predatório, o capitalismo oferece grandes possibilidades para liberação e circulação de patógenos, bem como sua mutação. A partir das pesquisas do filogeógrafo Rob Wallace, apresentaremos como o atual modo de produção se constitui o principal responsável pela crise pandêmica. Isto nos leva a indagar sobre um outro *ethos* possível. Que alternativa ética pode se contrapor ao *ethos* capitalista? Há algum princípio fundamental que possa guiar a ação em contraposição ao modelo atual? Nosso objetivo será estabelecer a *ética do cuidado* como esse modelo capaz de se pôr contrário ao padrão predatório e competitivo do capitalismo.

Palavras-chave

Capitalismo. Pandemia. *Ethos*. Ética do Cuidado.

Abstract

The pandemic is still present in daily life. This makes the reflection on it essential to problematize our way of life and our ethical guidelines. This writing intends to think of the capitalist mode of organization as a generator of pandemics. As a system that acts from the predatory *modus operandi*, capitalism offers great possibilities for the release and circulation of pathogens, as well as their mutation. Based on the research of the phylogeographer Rob Wallace, we will present how the current mode of production is the main responsible for the pandemic crisis. This leads us to inquire about another possible *ethos*. What ethical alternative can be opposed to the capitalist *ethos*? Is there a fundamental principle that can guide an action against the current model? Our goal will be to establish an ethics of care as a model capable of opposing the predatory and competitive pattern of capitalism.

Keywords

Capitalism. Pandemic. *Ethos*. Ethics of Care.

1. Introdução

Após dois anos de pandemia, se tornou imperativo a reflexão sobre nosso modo de vida individual, coletivo e a nossa relação com o próprio *habitat*. Para além de um fenômeno estritamente médico-clínico, fomos obrigados a nos adaptar a uma forma nova de organizar a vida para se proteger o Covid-19. Algumas perguntas preponderantes podem ser formuladas: como surgiu o vírus? E quais as implicações de seu surgimento? Alternativas individuais são a saída? A medicina e o avanço científico da produção de vacinas é suficiente para nos salvar desse mal?

É com vistas as questões postas acima que procuraremos pensar, neste escrito, sobre a geração de pandemias como produto do atual sistema capitalista e como isso nos convoca a refletir sobre a ética como guia de ação normativo para operar no mundo e resistir aos resultados catastróficos postos pelo nosso modo de produção atual. Como aporte teórico de nosso texto, procuramos apresentar a investigação do filogeógrafo¹ Rob Wallace em seu *Pandemia e agronegócio* (2020)². Nesta obra, o autor nos chama a atenção para geração das epidemias e pandemias no seio do modo de produção capitalista. Este não apenas destrói as barreiras naturais que separam os vírus e os humanos, como maximiza a circulação viral a partir de seu sistema de circulação de mercadorias. Tal diagnóstico, o de que o sistema capitalista produz e faz circular cepas virais, bem como possibilita a evolução dos vírus, nos leva à problemas ético-políticos sobre uma revisão do modo de vida predatório adotado pelo capitalismo. Isto nos

¹ Em *Filogeografia e Conservação de Paratrygon aiereba Dumeril (Chondrichthyes: Potamotrygonidae) na região Amazônica*, Renata Guimarães Frederico, no resumo de sua dissertação, define a filogeografia como o segmento da biogeografia que consiste no estudo dos princípios e processos que governam a distribuição geográfica das linhagens genéticas. Ela lida com a distribuição espacial de alelos cuja relação filogenética é conhecida ou pode ser estimada. Assim, através de estudos fitogeográficos, é possível a investigação de processos populacionais e modelos regionais que interferem na diversidade e distribuição das populações. Estudos de filogeografia também podem gerar subsídios para estudos sobre a conservação dos organismos, pois a diversidade das espécies representa o alcance das adaptações evolutivas e ecológicas em relação a determinados ambientes. (2006, p. 10)

² *Pandemia e Agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência* é a versão brasileira do livro *Big Farms Make Big Flu*, publicado em 2015 nos E.U.A.

convoca para pensar a ética não apenas no âmbito da organização social de humanos com humanos, mas inclui o meio ambiente, pois sua predação e esgotamento nos torna indefesos frente aos patógenos existentes. Ademais, soma-se o fato de que nosso modo de vida contribui para evolução desses patógenos.

Estas análises nos põem em face da necessidade de adoção de uma nova forma de viver que seja oposta à lógica predatória capitalista. Pressupõe, pensamos, outra relação com a natureza e com a vida e, por isto mesmo, uma ética que cuide do ambiente e seja capaz de nos proteger dos malefícios das práticas capitalistas. Algumas perguntas se põem necessárias após essa rápida apresentação: por que a pandemia, um problema que diz respeito à saúde e, portanto, à medicina, nos traz questionamentos éticos? E o que teria ela a ver com a ética? Seria possível, após esclarecidas essas perguntas, articular uma ética que possua um princípio regulador que dê conta de pôr em consideração uma nova relação homem-natureza e que procure uma harmonia entre nós e o ambiente do qual dependemos para viver? Do que trataria esta ética e por que ela interessa ao homem, seja nesse momento ou em outros?

Com vistas ao desenvolvimento dos questionamentos, este texto, após a explanação da relação capitalismo e desenvolvimento de patógenos, procurará desenvolver a *ética do cuidado*, como forma de outra relação possível com o nosso ambiente. O cuidado, como forma de *ser-no-mundo*, será o modo que se porá contra a lógica predatória dos circuitos do capital.

2. A insuficiência do estudo unilateral na geração de pandemias

Após os decretos de *lockdown*, a COVID-19 entrou em debate nos mecanismos de mídia tradicionais e na internet. Uma enxurrada de explicações de cunho xenofóbico e conspiracionista tomou um amplo espaço de divulgação nos meios digitais. Por vários lados, ouvíamos e líamos que o vírus responsável pela doença, havia sido criado em laboratórios com o intuito de desestabilizar a economia ocidental. Isto quando havia o reconhecimento do vírus, pois, de outro lado, víamos a afirmação presidencial de que a doença mortal era apenas pânico instaurado tendo como pretexto uma “gripezinha”, o que levou uma multidão a subestimar a mortalidade do coronavírus. A série de explicações televisivas baseadas na ciência, explicavam como era

formado o vírus e como este entrava nas células. Logicamente, as maiores explicações eram sobre como se precaver a partir do uso de máscaras, higiene pessoal e coletiva, bem como o distanciamento social necessário para conter a propagação da doença. Nenhuma das explicações nos dizia o *como* social mais profundo da formação e propagação dela.

Apesar de uma doença, cujo tratamento é evidentemente médico e biológico, demonstrou-se que parte de nossas defesas contra esse novo perigo deveria se dar de forma coletiva. Foi necessário que reelaborássemos o nosso modo de vida e entrássemos em uma nova fase de relações consigo e, principalmente, com os outros. Desse modo, o estudo e explicação sobre o vírus não poderia, como não pode, se dar apenas no âmbito médico-biológico. Todas as explicações que reduziram o vírus às áreas de saúde e biologia por si sós, pareciam, como parece, deixar de lado o fato de que estávamos/estamos lidando com consequências não apenas médicas, mas sociais, advindas de um determinado modo de organização e produção da vida atual.

O *Sars-CoV-2*, nos diz Wallace, ou qualquer outro dos patógenos atuais, não deve ser explicado unicamente a partir dos seus cursos de infecção ou quadros clínicos (WALLACE, 2020, p. 527-528), isto porque a compreensão de suas causas perpassa por um modo específico de produção social, qual seja, as relações que o sistema de produção capitalista mantém com o meio ambiente.

As redes de relações ecossistêmicas que o capital e o poder estatal manipulam em proveito próprio foram fundamentais para o surgimento e a evolução dessas novas cepas. A grande variedade de patógenos – com seus diferentes táxons, hospedeiros de origem, modos de transmissão, cursos clínicos e resultados epidemiológicos – traça caminhos diversos que têm em comum as formas de uso do solo e da acumulação de valor espalhadas pelo mundo. (WALLACE, 2020, p. 528).

As redes de informação oficiais da mídia encobriram e continuam a encobrir o modo como o vírus vem a ser formado, ao optarem por uma caracterização unilateral do problema, restringindo-o unicamente a um problema médico. Em contrapartida, o autor parte de uma rede de relações causais mais amplas que põem como escopo de explicação os circuitos do capital e seus mecanismos de exploração exacerbada da terra. O agronegócio, segundo sua exposição, como modelo de negócio de alimentação planetária, é simultaneamente, o modelo de produção de patógenos da economia do capital. O desmatamento para criação de fazendas e a

agricultura de monocultura, escasseiam a paisagem e transformam a biodiversidade, tornando possível a convivência entre patógenos, animais e trabalhadores que podem contrair e transmitir doenças.

Felicia Keesing e sua equipe, em *Impacts of biodiversity on the emergence and transmission of infectious diseases* (2010) nos alerta para o fato de que a maioria das doenças em seres humanos são zoonóticas. Isto é, atingem os seres humanos a partir de outros animais vertebrados. Ela demonstra que quase metade dessas doenças que atingem seres humanos desde 1940, são resultados das mudanças de interface biológica causadas por práticas agrícolas de alteração do uso da terra, da produção de alimentos e na caça de animais selvagens. Todas essas práticas aumentam a interação entre humanos e animais o que possibilita o salto zoonótico de patógenos entre espécies. (KEESING *et al.*, 2010, p. 650).

Em 2020, o Coletivo Chuang³ publicou um texto intitulado *Coronavírus e a guerra de classes microbiológica na China*, sua linha de argumentação se dá no âmbito da crítica da economia política, pondo em evidência o nexos entre economia e epidemiologia. A questão imposta no escrito do coletivo é como a produção capitalista se relaciona com o mundo não humano, obrigando uma migração de animais e microrganismos para o convívio humano das grandes cidades. Nesse sentido, o coletivo nos afirma que o “mundo natural”, incluindo seus substratos microbiológicos, não pode ser entendido sem referência a como a sociedade organiza sua produção, pois os dois não são, de fato, separados. (CHUANG, 2020, p. 21).

O modo de compreensão dessa mudança de interface geográfica-biológica pode não ser tão complicado de entender. Basicamente, a produção capitalista transforma a paisagem substituindo-a por cidades, indústrias e fazendas de agronegócio.⁴ A destruição do “mundo natural” produz a migração de animais que potencializam o risco de saltos zoonóticos. Em contrapartida, por sua vez, a população pauperizada pela exploração capitalista, impossibilitada de comprar

³ Chuang é um coletivo comunista chinês formado por intelectuais e ativistas, alguns dentro do país, outros exilados. Este texto, intitulado originalmente como *Contágio Social*, foi traduzido por Amauri Gonzo e disponibilizado gratuitamente pela editora Veneta.

⁴ Os seres humanos sempre ocuparam certos espaços pertencentes à natureza, no entanto, nunca em uma velocidade e destrutividade tão grandes quanto no sistema capitalista.

alimentos, recorre ao mercado informal de compra de animais silvestres e aumenta o contato com espécies que não deveriam ser ingeridas e que possuem alto risco de patogenicidade.

As práticas de ingestão de alimentos estranhos são postas pela dinâmica de mercado. O aquecimento do mercado externo pelo procedimento de exportação, produz baixa no mercado interno, uma vez que vender para o exterior se torna mais lucrativo devido às taxas de câmbio.⁵ Isto obriga a população a recorrer aos mercados informais de carne que não apenas não passam pelo devido processo de higienização, como são, muitas vezes, de animais silvestres impróprios para o consumo humano.

O consumo da população não é o único responsável pela criação e disseminação de patógenos. Wallace acentua que “As práticas fabris fornecem o que parece ser um ambiente propício para a evolução de uma variedade de *influenza* virulento, incluindo cepas pandêmicas” (2020, p. 94). Para demonstra isso, ele traça a evolução da indústria agropecuária na China para explicar o surgimento do surto de gripe aviária (H5N1) em 1997. Por que a China? Pela alta intensificação produtiva de sua avicultura. O autor nos mostra a reorganização das indústrias de criação de animais no Sul da China a partir do modelo estadunidense de produção intensiva. Tal modelo, segundo suas pesquisas, promove uma mudança de fase na própria ecologia da *influenza*.

Os patógenos devem evitar desenvolver sua capacidade de causar dano em seu hospedeiro de maneira que impeça a sua própria transmissão. Mas o que acontece quando o patógeno “sabe” que o próximo hospedeiro está chegando cedo demais? O patógeno pode ser virulento porque pode infectar com sucesso o próximo hospedeiro suscetível da cadeia antes de matar seu hospedeiro. Quanto mais rápida a taxa de transmissão, menor o custo da virulência. (WALLACE, 2020, p. 90).

O modo de organização e produção da avicultura chinesa exportado do modelo estadunidense, permite uma mudança na própria estrutura da virulência do vírus. Se não há muitos hospedeiros, o vírus procura não ser virulento para poder sobreviver mais e infectar outros em

⁵ Devemos lembrar que a China é, segundo dados da EMBRAPA de 2021, o maior exportador de frango do mundo. Os dados estão disponíveis em: <<<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo>>> Acesso em 17 de maio de 2022.

largo período. No entanto, quando vários hospedeiros se apresentam apinhados uns aos outros, como ocorre geralmente nas fazendas de aves chinesas (e não apenas chinesas, uma vez que o modelo agropecuário capitalista é mundial), o vírus pode aumentar sua virulência devido a velocidade com que pode infectar outro hospedeiro. A produção de frangos e sua proximidade, possibilitam a *influenza*, por exemplo, se proliferar de forma mais rápida e virulenta. O contato dos trabalhadores e fazendeiros com animais infectados, bem como a venda da carne destes animais, contribui para a circulação dos patógenos. Isso nos mostra que a própria estrutura fabril do negócio alimentício produz e faz circular entre nós as doenças que agora nos atacam.

Com base no exposto, não podemos reduzir o problema pandêmico apenas à literatura médica e suas formas de cuidado. Toda pesquisa e estudo para a compreensão do fenômeno pandêmico não pode passar sem o exame crítico das atuais formas de viver adotadas pelo ser humano. Deste modo, a multidisciplinaridade se torna essencial, e é isto que Wallace nos oferece, buscar uma virologia evolutiva, combinando saberes disciplinares como biologia e crítica da economia política, geografia econômica e outros modos do saber humano.

A responsabilidade deve recair sobre as decisões que nós, humanos, tomamos para sustentação desse modo de vida destrutivo que é o capitalismo. No entanto, vale ressaltar, como o próprio autor o faz, “quando dizemos “nós” sejamos claros, estamos falando de como o agronegócio organiza porcos e aves” (WALLACE, 2020, p. 62). O *nós* de Wallace aparece em referência ao fato de que apesar dos lucros do agronegócio serem privados, seus prejuízos financeiros e biológicos são compartilhados socialmente. Como aponta Singer em *Who Pays for Bird Flu?*⁶ a agricultura industrial se espalhou por ser mais barata do que os métodos tradicionais, porém, isso se deve ao fato de eles terem socializado os custos com pequenos fazendeiros e posteriormente com governos. Afora os empréstimos, podemos notar os custos com vacinas, tratamentos médicos e toda uma gama de prejuízos socializados pelo modo de produção do agronegócio.

⁶ Disponível em: << <https://www.project-syndicate.org/commentary/who-pays-for-bird-flu?barrier=accesspay-log> >> Acesso em 31 de maio de 2022.

3. Lançando o problema ético

Como procuramos ressaltar, a ação humana é a responsável pela proliferação de patógenos. Isso torna possível falar que o sistema de produção e circulação de mercadorias cria diretamente doenças com potencial pandêmico. É devido a essas mudanças causadas pelo atual modo de vida humano que podemos marcar nosso tempo como *antropoceno*, uma marca tão pesada, como nos alerta Ailton Krenak em seu *Ideias para adiar o fim do mundo*, que caracteriza uma era com a mudança geográfica e o esgotamento dos recursos naturais do planeta (KRENAK, 2020, p. 46-47). A pandemia, portanto, é sintoma de um problema mais complexo que envolve não apenas as mudanças às quais fomos obrigados a adotar para nos proteger, mas denuncia que o nosso atual modo de relação com o planeta é insustentável.

Com base no exposto, o que está em jogo verdadeiramente é o *ethos*, que nas palavras de Lima Vaz, designa “a realidade histórico-social dos costumes e sua presença no comportamento dos indivíduos” (VAZ, 1999, p. 13). Isto é, uma avaliação do próprio modo de organização e regência da vida. No entanto, este termo possui um outro significado, mais usual, coloquial, qual seja, morada, covil ou abrigo dos animais.⁷ Sob este ponto de vista, o *ethos* designa o pensar sobre a casa humana, o local onde nós como seres humanos nos abrigamos e nos protegemos. Logo, se trata da porção do mundo que resolvemos organizar e nos organizar. Assim, “o *ethos* constrói pessoal e socialmente o *habitat* humano” (BOFF, 2021, p. 232).

Se estamos diante de um fenômeno que indica e nos convoca à transformação de nossa relação com o ambiente, então estamos diante de um problema de *ethos*. Se se trata de refletir e ponderar nossas ações para mudar os rumos destrutivos que tomamos, se trata, portanto, de um problema de ética. Esta delimitação é importante caso queiramos pensar a pandemia e sua agravação para além do fenômeno meramente médico-biológico. Nossas ações são o principal fator de produção e disseminação de patógenos e devem ser reavaliadas e reorientadas para

⁷ A transposição metafórica do uso coloquial para o filosófico é discutida em detalhes por Lima Vaz em *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. Essa transfiguração terá uma divisão bem delineada como nos aponta Vázquez, “como caráter não natural da maneira de ser do homem que, na Antiguidade, lhe confere sua dimensão moral” (2020, p. 24)

que o nosso comportamento destrutivo seja parado e reconstruído sob outro fundamento que não a ótica capitalista da mercadoria que objetifica tomando seres humanos e planeta como instrumentos para o lucro.

A base da ética de sustentação do capitalismo é a *competição*. Ela gera uma disputa generalizada que põe o outro ou como *obstáculo* aos nossos interesses, ou como *meio* para a concretização deles. Esse fundamento objetifica coisas e pessoas, pois são elas que podem se interpor ou me permitir alcançar meus próprios interesses.⁸ No entanto, sob esse alicerce como postura, o que se põe na verdade é um princípio antissocial onde o humano nunca está em contato direto com outro, nem mesmo com as coisas mesmas:

A competição, enfatiza Maturana, é antissocial, hoje e outrora, porque implica a negação do outro, a recusa da partilha e do amor. A sociedade moderna neoliberal, especialmente o mercado, assenta-se na competição. Por isso é excludente, inumana e faz tantas vítimas. Essa lógica impede que seja portadora de felicidade e de futuro para a humanidade e para a Terra. (BOFF, 2021, p. 127).

Como vimos, o fundamento de ação capitalista se coloca inviável pela objetificação e inumanidade. Ele também trata o próprio mundo como *meio* para determinado fim, de modo a esgotar os recursos do planeta e produzir inúmeras doenças. Uma vez que a ética normativa “preocupa-se com a articulação e a justificação dos princípios fundamentais que conduzem as questões de como devemos viver e o que moralmente devemos fazer” (DRIVER, 2009, p. 32).⁹ Devemos encontrar, como forma de contraposição a esse *modus operandi*, um fundamento ético normativo que nos aponte para outro jeito de viver. Este tem de primar pela harmonia entre homem e natureza, de modo a não apenas proteger os homens, como também o meio ambiente do qual dependemos para viver. Logo, deveremos pensar em um fundamento que sustente não apenas uma ética do humano, mas também contemple uma ética ambiental como forma de prevenção contra os surtos pandêmicos decorridos da destruição da natureza. Somente assim, nós

⁸ Vázquez em *Ética* estabelece o paradigma do homem no capitalismo como *homem econômico*, ou seja, “como meio ou instrumento de produção e não como homem concreto (com seus sofrimentos e desgraças)” (2020, p. 48). Apesar das mudanças que o capitalismo sofreu desde o seu auge no século XIX, o núcleo de exploração do homem pelo homem se mantém em nossos dias.

⁹ Tradução nossa. No original lê-se: It is concerned with the articulation and the justification of the fundamental principles that govern the issues of how we should live and what we morally ought to do.

e o próprio planeta, poderemos contemplar um futuro em conjunto. Pois, como vimos, é a maneira de vida do capitalismo que provoca a destruição da natureza e as pandemias.

4. Ética do cuidado¹⁰

Como forma de contraposição à postura que possui como fundamento ético a *concorrência*, optaremos pelo estabelecimento do *cuidado* como fundamento normativo. Pensamos que seja ele o que se contrapõe diametralmente ao capitalismo, pois “este é o modo-de-ser que resgata a nossa humanidade mais essencial” (BOFF, 2021, p. 120). Mas o que é o cuidado? É possível elencar o cuidado como fundamento da ética, isto é, de nosso ser e agir no mundo?

Podemos pensar o cuidado como uma forma de ser essencial que se estabelece *a priori* como ponto de referência existencial. Significa dizer que uma forma do homem é o próprio cuidado com si mesmo, os outros e o mundo circundante ao seu redor. Como modo de ser-no-mundo, Boff, seguindo a terminologia de Heidegger em *Ser e Tempo* (1927) estabelece que o

cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. (BOFF, 2021, p. 104).

Como forma de ser-no-mundo, o cuidado se distingue de uma virtude ou ato isolado e se estabelece como experiência originária fundante das relações dos humanos com outros humanos e as coisas. Como princípio da socialidade, o cuidado se estabelece como categoria ética primordial para a ação dos homens no mundo. Como modo de ser, não se reduz à uma máxima normativa do dever ser da lei, mas engendra as relações humanas dentro de sua realidade

¹⁰ A ética do cuidado é uma teoria do desenvolvimento moral muito discutida atualmente e que foi criada em grande medida no debate filosófico feminista contra a tradição de desvalorização do feminino. Para uma visão sobre como ela se estabelece tendo como precursora Carol Gilligan, indicamos a leitura do verbete Ética do Cuidado de Juliana Missagia disponível em: << <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/eticadocuidado/#:~:text=A%20%C3%A9tica%20do%20cuidado%20apresenta,debate%20so-bre%20a%20a%C3%A7%C3%A3o%20moral> >> acesso em 10 de junho de 2022. Nosso artigo se centrará na abordagem sobre o cuidado que se contrapõe ao mundo-do-trabalho, dimensão que encarna a exploração e opressão dos homens e da própria natureza.

material e relacional. Ademais, o cuidado não se constitui como mera resposta emotiva, como nos mostra Alison Jaggar,¹¹ em seu escrito *Ética Feminista*:

As proponentes da ética do cuidado resistem em reduzir o cuidado a uma simples resposta emocional; elas o consideram não apenas como um motivador para a ação correta, esta determinada através de um processo de cálculo racional, mas como uma capacidade moral distinta com dimensões cognitivas necessárias para determinar quais são as ações moralmente apropriadas (Blum 1992). O cuidado não é racional no sentido de ser egoísta, desapaixonado, ou dedutivo, mas, como afirma Nel Noddings, ele constitui uma “racionalidade e raciocínio que envolve mais do que a identificação de princípios e sua aplicação dedutiva” (Noddings 1990: 27). Aqueles que propõem o pensamento do cuidado, consideram o cuidado como racional no amplo senso de ser uma maneira distintamente humana de se envolver com os outros; é eticamente valioso em si mesmo e tende a produzir ação moralmente apropriada. (JAGGAR, 2013, p. 446)¹².

O cuidado, não é uma abstração mental como o dever, que pode ser acessado unicamente pela razão. Ele constitui nossa relação com a materialidade e se põe como um modo de agir no mundo em que estamos imersos. A relação do humano, portanto, para com o mundo, é a de cuidado. Ele também não se constitui como mero sentimento, mas uma forma de racionalidade e raciocínio que ultrapassa os cálculos da racionalidade moderna. É graças ao princípio desta última que a esfera do cuidado como modo de ser-no-mundo foi suprimida pelo modo-de-ser-trabalho, como nos aponta Leonardo Boff, que se dá na forma de interação e intervenção do homem na natureza.

A ética do cuidado nos fornece um critério de ligação material no mundo. Ela se contrapõe às éticas baseadas nos valores liberais, estes “oferecem uma visão ética empobrecida, fornecendo um modelo de interação humana que, na melhor das hipóteses, é apropriado apenas para um domínio limitado da vida e na pior das hipóteses pode racionalizar a desumanidade para os outros” (JAGGAR, 2013, p. 439). Esse modelo abstrai da materialidade e complexidade da vida em favor do foco em um indivíduo que é reduzido à racionalidade, no caso dos kantianos, ou à felicidade, no caso dos utilitaristas. Esses modelos filosóficos da modernidade, apesar

¹¹ Para contraposição da ética moderna em sua forma liberal formal e a ética do cuidado como princípio de resgate material da realidade, indicamos o leitor o artigo de Alison M. Jaggar *Feminist Ethics* que compõe a coletânea *The Blackwell Guide to Ethical Theory* 2ª edição. Aqui, como esfera de delimitada, tratamos do *cuidado* como modo-de-ser do homem no mundo como esquecido e em crise.

¹² Tradução nossa.

de sua diferenciação, apontam para o mesmo, o indivíduo abstraído do todo e que nele não se reconhece.

Toda essa argumentação liberal-capitalista nasce de um modo de ser concreto, qual seja, o modo-de-ser-trabalho que possui como característica a dominação sobre as coisas. Como relação que modifica a natureza para usufruto do humano, o trabalho objetifica o mundo para que a fruição possa se dar para o homem. A operação de objetificação do mundo é inerente ao trabalho, pois é por ele que há a transformação das coisas em objetos, isto é, não sujeitos, controlados pelo sujeito que os objetifica. No entanto, essa operação do trabalho para com as coisas não se dá apenas no nível onde o sujeito às transforma, como também, transpõe o próprio sujeito que objetifica, ao patamar de objeto. A teoria marxiana aponta que em determinado momento da produção, o homem se objetificou tornando-se ele próprio capital, isto é, uma mercadoria que se relaciona com outras mercadorias para o acúmulo de valor na figura do dinheiro.

Como sabemos, a mercadoria possui dois polos, o *valor de uso* que proporciona o usufruto do uso da coisa e o *valor de troca*, a possibilidade de tornar abstrata a coisa para que ela possa equivaler às outras. O capitalismo promove o esvaziamento do *valor de uso* na transposição deste para o *valor de troca*, o que leva à máxima objetificação das coisas, transformando-as em simples mercadorias. Essa operação se torna alienante e faz com que o indivíduo não se reconheça no fruto do trabalho, ou mesmo como produtor do capital. No capitalismo, portanto, o modo-de-ser-trabalho opera uma dominação extrema que objetifica o próprio homem.

A objetificação e alienação humana promove uma crise do cuidado a partir de seu esquecimento como modo-de-ser-no-mundo.¹³ Se esse esquecimento promove a alienação do homem na forma mercadoria, então podemos postular que o cuidado promove a relação eminentemente humana. Abandonado sozinho, o modo-de-ser-trabalho não realiza a existência humana em sua plenitude. Apenas estruturado com o modo-de-ser-cuidado, o trabalho se coadunaria com uma existência humana capaz de florescer plenamente.

¹³ Para uma explanação mais elaborada sobre como o sistema capitalista levou à uma crise do Cuidado, remetemos o leitor ao artigo *Contradições entre capital e cuidado* de Nancy Fraser, traduzido por José Ivan Rodrigues de Sousa Filho e publicado na *Princípios: Revista de Filosofia* em 2020.

Resgatado como categoria ética, o cuidado pode ser posto como fundamento do desenvolvimento das disposições éticas do homem, isto é, aquelas que permitem ao homem um exercício harmônico entre outros homens e o mundo. Sua articulação nos traria o aprendizado da *justa medida*¹⁴ que promoveria convivialidade do homem com outros seres, não apenas especificamente humanos, dentro de uma harmonia há muito perdida e esquecida.

Desta feita, o cuidado pode nos fornecer a coragem para se contrapor ao capitalismo como sistema predatório e fetichista. O amor necessário para criação de laços fraternais para com o próximo ou mesmo o ambiente que devemos cuidar. Pode nos levar à convivialidade exigida para coabitação com as outras espécies do planeta. Pode nos levar a necessária esfera da ligação emocional perdida nas operações da razão instrumental do trabalho. Pode nos despertar o princípio de responsabilidade para com a biodiversidade que nos cerca e protege de patógenos e nos fornece a manutenção da existência.

O cuidado como princípio ético que se contrapõe à lógica capitalista é o outro modo-de-ser fundante das relações do homem com o mundo. Ele promove uma atenção guiada à vida não só do homem como de todo o planeta. Reestabelece a completude humana para fora da alienação, a pondo em relação com o outro e percebendo os males da objetificação. Isso nos levaria a uma nova relação com o ambiente e faria com que nosso modo de vida fosse mais pleno a partir de um fazer não agressivo e sustentável.

5. A ética ambiental e a ética do cuidado

¹⁴ Por *justa medida*, não entendemos um conceito cristalizado, mas como resultado de um saber fazer “resultante de um processo deliberativo complexo não redutível a regras gerais previamente estabelecidas, mas se constitui na práxis, pelo aprendizado da experiência da diversidade e da dinâmica do mundo social. Mesmo regras gerais precisam passar pela deliberação no contexto da particularidade dos sujeitos e da situação histórica contingente; cabendo à *phrónesis*, como virtude intelectual específica da deliberação, prover a avaliação do que é o melhor a fazer na circunstância para realizar a boa vida do homem. E a *phrónesis*, virtude dianoética, intelectual da alma não se realiza sem as virtudes morais, dos desejos e apetites da alma educados, pois é preciso também que os agentes morais desejem realizar o bem, queiram-no como fim a ser realizado em seu agir” (CARVALHO, 2020, p. 625)

No sentido geral, aponta Robert Elliot em *La ética ambiental*,¹⁵ qualquer ética que nos guie em nosso trato com o meio natural, em geral, é uma ética ambiental. No entanto, neste escrito, o autor nos apresenta algumas alternativas para se pensar a ética ambiental. Anunciá-las nos será útil para mostrar que a ética do cuidado pode englobar as alternativas de cuidado para com o meio ambiente.

Pensemos en los ambientalistas que afirman que la extinción de las especies a consecuencia de la acción humana es algo malo, quizás incluso algo malo sea cual sea la causa. Este puede ser un principio básico de una ética ambiental. Sin haberlo concebido explícitamente de esta forma, un ambientalista podría suscribir no obstante la idea de que la extinción de la especie, etc., es algo malo en sí mismo, al margen de las consecuencias que pueda tener. Otra posibilidad es que el principio no sea de carácter básico sino que descansa sobre un principio que expresa el interés por el bienestar humano, unido a la creencia de que la extinción de especies perjudica a los humanos. (ELLIOT, 2004, p. 392).

Para pensar a ética ambiental o autor nos aponta dois caminhos: 1) podemos reprovar uma ação contra a natureza por ela mesma, sem pensar nas consequências que podem vir a ocorrer. 2) podemos reprovar uma ação que destrói a natureza porque traz consequências a vida humana. Esses são dois modos diferentes de pensar o problema ambiental. Qualquer que seja o modo que se venha a adotar, é necessário, segundo Elliot, fundamentar a escolha da melhor forma possível.

As ações humanas são responsáveis por uma mudança na própria estrutura da terra, ao ponto de nomearmos nosso tempo como *antropocentrismo*. A catástrofe climática, a criação de pandemias, não são problemas que afetam apenas nossa vida enquanto humanos, mas o próprio meio ambiente compreendido como fauna, flora, biosfera e espaço geográfico como um todo.

Neste momento, pensar eticamente, parece não envolver tão somente as consequências para o mundo humano. Dentre as duas opções lançadas por Elliot, parece mais importante pensar a ética ambiental pelas consequências que a destruição do meio ambiente pode causar em nossas vidas, ainda mais agora, em que o mundo humano continua sendo ameaçado pela

¹⁵ Este texto faz parte do *Compendio de Ética* organizado por Peter Singer que teve sua primeira edição em 1995. Utilizamos a versão espanhola editada em 2004. Para nossos propósitos, cremos que o texto de Elliot ainda põe algumas questões gerais importantes sobre a ética ambiental.

pandemia. No entanto, seria possível os dois interesses coabitarem? Isto é, a preocupação com o ser humano e a preocupação com ambiente em pé de igualdade sem privilegiar um ou outro?

Acreditamos que a ética do cuidado privilegia tanto o ser humano quanto o meio ambiente e sua biodiversidade. Ela permite que encaremos de frente os desastres atuais. O cuidado não engloba apenas uma ética centralizada no conceito de vida humana, mas se expande tanto à todas as espécies do planeta quanto para o próprio ambiente inanimado. Elliot traça em seu pequeno artigo cinco possibilidades de ética ambiental: primeira, uma ética centrada no ser humano; segunda, uma ética centrada nos animais; terceira, uma ética centrada na vida; quarta, uma ética do todo que engloba os seres não vivos e uma quinta, a ética holística. A primeira, nos diz o escritor, considera as consequências dos desastres ambientais à vida dos homens. A segunda, considera a vida animal independente das consequências na vida humana. A terceira uma ética que privilegia a vida e não necessariamente a vida humana. A quarta aquela que englobaria o todo de seres vivos e não vivos e a última com privilégio no conjunto da biosfera e seus grandes ecossistemas.

O cuidado como modo-de-ser estabelece que o humano possui uma dimensão que tende essencialmente para o cuidado. Por mais que este se encontre em crise, talvez uma ética do cuidado nos faça nos lembrar de sua necessidade. Ele estabelece uma dimensão afetiva que se contrapõe à pura formalidade da lei nos pondo da esfera da realidade material em que estamos imersos. Elaborar uma ética ambiental com base no cuidado nos permite levar em consideração os cinco modos traçados por Robert Elliot.

6. Considerações finais

A preocupação com o meio ambiente e com uma ética que possa lhe permitir uma consideração de seres vivos e não vivos é urgente. Das análises sobre a pandemia, podemos perceber, a partir da argumentação de Wallace que o modo de vida do humano não só prejudica a ele mesmo, como destrói o planeta em nome de um modo de vida predatório que esgota os recursos naturais. A pandemia, desmatamento, aquecimento global, surgimento de patógenos até então desconhecidos, ressurgimento de cepas antigas para as quais não temos mais imunidade,

escassez de recursos naturais como o fim da água potável e da comida, todos em um horizonte próximo são sintomas consequentes do modo capitalista de administrar o mundo. Como tal, são alertas que estabelecem que, ou acabamos com esse *ethos* capitalista, ou estaremos fadados a destruição.

O resgate da dimensão do cuidado, esquecida há tanto tempo pelos seres humanos no mundo da dimensão do trabalho, se constitui em uma forma de esperança no futuro. O cuidado não coabita no capitalismo, pois a estrutura deste último é incompatível com a forma do cuidado. A forma capitalista suprime a dimensão social do cuidado. Distancia cada vez mais as pessoas em uma atitude alienante e isolante. Se tornam cada vez mais raras atitudes de cuidado para com os outros. O tempo é consumido no ritmo frenético da produção mercantil, impossibilitando o encontro entre amigos, a conversa entre a família e muitas das estruturas que nos abrem para a dimensão do cuidado. Com a perda e esquecimento desta dimensão fundamental, nos perdemos na imaterialidade do tempo abstrato da produção e nos isolamos cada vez mais nos locais designados a nós pelo sistema capitalista.

Nesse sentido, a dimensão do cuidado enquanto princípio ético primordial da relação entre nós e o mundo, não deve mobilizar apenas as imagens bonitas do amor maternal, mas também a imagem de luta contra a ordem social vigente. Deve se lançar em um contra-ataque aos princípios neoliberais, pois eles mantêm o esquecimento do cuidado. Como ressonância, o cuidado tem de atuar como um princípio ativo que possa fazer frente ao *status quo* que lhe é incompatível. Neste sentido, o cuidado deve mobilizar disposições humanas essenciais para o florescimento do homem, tais como: coragem e sabedoria. Elas nos permitem nos impor de frente a este *ethos* predatório em que estamos inseridos.

A pandemia transformou nossas vidas. Trouxe consigo um saldo de perdas irreparáveis. Uma ética do cuidado não nos guia apenas na mobilização pós-pandemia, mas na prevenção de outra que venha a acontecer. O capital funciona a partir do remédio das crises autoprovocadas. Prefere remediar os desastres com tentativas e promessas vãs, deixando de agir nas causas. A ética do cuidado nos alerta para a necessidade de prevenir e não de remediar. Isto só pode se dar coletivamente, pois apenas a transformação do paradigma do trabalho alienante para o

cuidado como princípio ético poderá nos ajudar. Somente assim, talvez, possamos contemplar um futuro para todo o planeta.

Referências bibliográficas

- BOFF, L. *Saber Cuidar: Ética do Humano. Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CARVALHO, H. Virtudes morais a partir do horizonte da ética da responsabilidade de Hans Jonas: pandemia, emergência climática e futuros próximos. *Aurora*, v. 32, n. 57, p. 610-638, set./dez. 2020. Disponível em << <http://doi.org/10.7213/1980-5934.32.057.DS01> >>. Acesso em 13 de jun. de 2022.
- COLETIVO CHUANG. Coronavírus e a guerra de classes microbiológica na China. *IApocalypse Neoliberal*. Autonomia Literária e Panaceia Clube de Livros, 2020. Disponível em << <https://autonomialiteraria.com.br/loja/jornalivro/apocalipse-neoliberal-visoes-anticapitalistas-sobre-os-impactos-da-criese-e-as-hipoteses-revolucionariasdeflagradas-pela-pandemia-do-coronavirus/> >> acesso em 13 de jun. de 2022.
- DRIVER, J. Normative Ethics. In: JACKSON, F.; SMITH, M. (Ed.). *The Oxford Handbook of Contemporary Philosophy*. Oxford: Oxford Press, 2009.
- ELLIOT, R. La ética Ambiental. In: SINGER, P. *Compendio de Ética*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- FRASER, N. Contradições entre capital e cuidado. *Princípios: revista de filosofia*, v. 27, n. 53, p. 261-288, maio/ago. 2020. Disponível em << <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2020v27n53> >> Acesso em 13 de jun. de 2022
- GUARALDO, M. C. Brasil é o quarto maior produtor de grãos e o maior exportador de carne bovina do mundo, diz estudo. 2021. Disponível em << <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo> >> acesso em 13 de jun. 2022.
- GUIMARÃES, R. Filogeografia e Conservação de Paratrygon aiereba Dumeril (Chondrichthyes: Potamotrygonidae) na região Amazônica: notas sobre conservação. Dissertação (Ciências Biológicas - INPA-UFAM). Manaus, 2006.
- JAGGAR, A. Feminist Ethics. In: LaFOLLETTE, H. *The Blackwell guide to ethical theory*. Oxford, Blackwell Publishin, 2013. p. 433-460.
- KEESING, F.; BELDEN, L.; DASZAK, P. *et al.* Impacts of biodiversity on the emergence and transmission of infectious diseases. *Nature* v. 468, 2020, p. 647-652. <https://doi.org/10.1038/nature09575>. Acesso em 13 de jun. de 2022.
- KRENAK. Do sonho e da terra. In: *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SINGER, P. Who Pays for Bird Flu? – 2005. Disponível em: << <https://www.project-syndicate.org/commentary/who-pays-for-bird-flu> >> Acesso em 13 de jun. 2022.
- VAZ, L. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética filosófica*. São Paulo: Loyola, 1999.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

WALLACE, R. *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. Trad. Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

Recebido em: 10-02-2023

Aprovado em: 25-06-2023

Edson Sá dos Reis

Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em filosofia com ênfase em Ética e Filosofia Política pela Universidade Estadual do Ceará. Doutorando no programa de Doutorado em Filosofia da Universidade Federal do Piauí